



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Batista Guarnieri, Cecilia; Leme Silva, Maria Eduarda
Resenha: El mágico número tres: Cuando los niños aún no hablan
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 1-3
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponibile en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817102>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica
Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

Resenha: *El mágico número tres: Cuando los niños aún no h*

Cecilia Guarnieri Batista¹
Maria Eduarda Silva Leme
Universidade Estadual de Campinas

Como abordar o início do conhecimento em bebês que ainda não falam? Esse foi o desafio que Rodríguez e Moro se propuseram a enfrentar, remetendo, primeiro, a Piaget, autor com quem concordam no que se refere à concepção de que o conhecimento é construído. Apresentam, a seguir, suas discordâncias, criticando a ênfase desse autor na interação exclusiva com o objeto, e sua concepção de um sujeito solipsista, que vai construindo solitária e isoladamente o conhecimento.

Contrapõem a essa concepção as idéias de Vygotsky, dando especial destaque à noção de mediação semiótica. Consideram, entretanto, que essa noção tem sido reduzida à de mediação lingüística, o que deixa de fora meios menos elaborados de mediação semiótica. É a busca da compreensão destes outros processos semióticos que orienta seu estudo, voltado para bebês que ainda não falam, e que já apresentam várias formas de interação com o adulto, bem como de manuseio de objetos.

Ao mesmo tempo, as autoras criticam concepções dualistas de desenvolvimento, que contrapõem mundo físico a mundo social, pensamento a comunicação, aspectos cognitivos (internos) a aspectos sociais (externos). Realizam extensa revisão crítica da literatura recente, em que diferentes autores acabam centrando-se em um ou outro pólo dessas dicotomias.

Preconizam que uma epistemologia antidualista necessita uma pragmática do objeto. Deve levar em conta que os objetos têm usos, e estes são fruto de convenção social. Os objetos assumem significados socialmente compartilhados, construídos na interação social, passando, assim, a ser signos de seu uso. Trata-se, portanto, de uma concepção do objeto

Uma vez que se trata de bebês, as autoras consideram necessária a mediação lingüística para o desenvolvimento do conhecimento, que essa foi a proposta original de Piaget, segundo elas, ao de mediação lingüística. Para tanto, recorrem a Peirce², cuja concepção, bastante abrangente, tendo a semiotização elaborado dos signos, com a arbitrariedade e convencionalidade, em conta outras formas de mediação, consideram que o sistema de signos, nos primórdios do uso de signos, é mais próximo ao “objeto”, mas já tende a ser até os mais arbitrários. Isso é a primeira, segunda e terceira ordem, correspondentes ícone, índice e símbolo, graus progressivos de aquisição de significado e convencionalidade. Além disso, a teoria de Peirce à psicogênese do conhecimento de aquisição, principiando na primeira ordem, até a terceira ordem. Utilizam-se de Peirce de que o signo é inferência, a mão do conceito de inferência, o processo pelo qual a criança se aproxima do uso convencional, a interação com o adulto e tendo em vista os mais rudimentares e graduais usos e convencionais -, a criança forma uma concepção sobre o que fazer com os objetos.

Em seguida, as autoras apre-

encaixadas peças nas formas correspondentes. Na parte frontal da cabine estava desenhado um rosto sorridente.

Todas as sessões foram filmadas e transcritas com detalhes. As categorias de observação eram as seguintes: atenção, emoção, uso não canônico do objeto, utilização preliminar³ ao uso canônico do objeto, uso canônico (ou convencional) do objeto e mediadores comunicativos desses usos. Entre os usos canônicos para o caminhão incluíam-se “colocar peças sobre a área de encaixe”, “fazer movimentos (corretos e incorretos) até o encaixe” e “colocar peças pela porta traseira”. Para o telefone, incluíam-se “girar o *dial*” e “telefonar” (com o fone junto à orelha, mesmo que em posições diferentes da convencional). Como exemplo de utilização preliminar ao uso canônico, incluíam-se, para o caminhão, “bater com a peça sobre a plataforma de encaixe” e “colocar o dedo num dos orifícios para encaixe” e, para o telefone, “tirar o fone do gancho” e “trazer o fone para perto de si”. Entre as categorias de mediadores comunicativos, incluíam-se “mostrar o objeto, segurando-o na mão⁴”, “apontar partes específicas do objeto (Ex.: um orifício específico de encaixe)” e “fazer demonstrações de uso”.

Na definição dessas categorias, foram apresentadas modalidades das mesmas, indicando variações de circunstâncias e objetos envolvidos. As autoras não as consideraram como um sistema fechado de subcategorias. Ao invés disso, realizaram uma análise quantitativa compreendendo contagem de frequências das categorias mais abrangentes e uma análise qualitativa dessas variações e modulações. Essa análise baseou-se em relatos de episódios “completos”, com descrição de ações e reprodução de falas e, também, em relatos de ocorrências mais pontuais de variações das categorias centrais. Um exemplo se refere à categoria relativa a uso canônico de objeto “falar ao telefone”, da qual foram destacadas as seguintes variações: “com fio ao contrário”, “com fone no ombro” e “com fone no ouvido”.

Os resultados mostraram que, aos 7 meses, os bebês utilizavam os objetos de modo indiferenciado, não canônico.

segurando-os e não indicando-os⁵. Em te-
Peirce, consideram que aos 7 meses o co-
signo de seu uso convencional.

Ao mesmo tempo, as autoras sugerem que o adulto sobre o objeto têm o efeito de estabelecer esse objeto, demonstrar uma seleção do objeto, enfim, promover recortes que dirigem a ação da criança e contribuem para a passagem da primeira para a segunda idade. A significação do objeto sobre o qual a criança age vai passando a ser indicial para a criança, estabelecendo uma maior proximidade com o uso convencional. Os mediadores comunicativos do adulto contribuem para uma progressão em direção a processos mais sofisticados e elaborados, aproximando a criança dos usos sociais do objeto.

Os resultados relativos à faixa etária mostraram que os bebês utilizavam os objetos - usos não canônicos, preliminares e canônico flutuante. Nessa idade, os bebês começam a utilizar os objetos de modo canônico e a tomar iniciativas. De acordo com Peirce, considera-se que o objeto com seu uso: converte-se em *representamen* que muda de tipo convencional com seu objeto imitável. Os comentários comentam que esse uso canônico muitas vezes difere do que o adulto o havia sugerido, com gestos e palavras amplificadas por redundâncias. Ao mesmo tempo, as crianças dessa idade, os adultos realizavam demonstrações para mostrar e demonstrar, com o objeto na mão, para apontar, de indicar direção.

Aos 13 meses, as autoras observaram a frequência dos usos canônicos e das exigências (Ex.: apontar uma abertura específica de e trazer o objeto até *este* encaixe). Observaram a redução do mostrar e demonstrar em relação ao anterior, e aumento na frequência dos gestos. Constataram, ainda, diferenças nas formas de na presença de um e de outro objeto. Como se pode explicar a homogeneidade de mar

Resenha do livro: Rodríguez, C. & Moro, C. (1999). El mágico número tres: Cuando los niños aún no hablan (Colección: Temas de Psicología).

autoras argumentam que, se não fosse assim, os usos convencionais estariam presentes aos 7 meses.

Consideramos que o livro traz várias contribuições interessantes, tais como a integração teórica entre a concepção de mediação por signos de Vygotsky e a semiótica de Peirce, que permitiu captar o início dos processos semióticos em bebês que ainda não falam.

Além disso, as autoras conseguem uma abordagem não dualista, em que as relações entre “criança que ainda não fala”, “objeto com significado cultural” e “adulto mediador” são concebidas formando um triângulo, como unidade indivisível para a compreensão do início da construção do conhecimento. A concepção do objeto segundo uma perspectiva pragmática resgata sua dimensão social, relegada a segundo plano em grande parte dos estudos sobre o desenvolvimento.

O modo de realizar a análise de dados trouxe a combinação de modalidades quantitativas e qualitativas de análise. A quantificação foi centrada nas categorias amplas, e envolveu o cômputo de frequências simples ou de dados percentuais das mesmas, trazendo um panorama geral da distribuição dessas categorias nas diferentes faixas etárias. Ao mesmo tempo, as modulações e variações foram apresentadas de modo qualitativo, a partir de uma retomada constante dos protocolos de transcrição, com destaque de elementos significativos para os objetivos do estudo. Isso pode ser exemplificado pela análise dos usos do telefone. A análise quantitativa indicou um aumento da frequência da categoria abrangente “usos canônicos”. Por outro lado, sem quantificação das subcategorias possíveis, foram descritas mudanças na forma que esses usos assumiam. Dessa forma, foi apontado o aumento do “falar ao telefone com o fone no ouvido na posição convencional”, e a redução do “falar ao telefone com o fio ao contrário” ou “com o fone no ombro”.

Uma crítica que poderia ser feita aos usos dos objetos, particularmente do celular, é que o autor selecionou como uso canônico o uso de encaixe, e não a de rodar o celular, o que talvez tivesse sido mais interessante. Além disso, os encaixes, e não de um caminho alternativo. Na mesma direção, o telefone fixo, que não nos parece a melhor escolha para o estudo, selecionado referiu-se à simulação.

O livro traz, dessa forma, uma contribuição teórica e metodológica ao estudo do desenvolvimento. Aborda a questão da aquisição da linguagem a partir dos objetos a partir da interação entre a criança e sua mãe, como adulto mediador, e a cultura em que estão imersos. Também aborda conceitos da semiótica de Peirce, trazendo uma perspectiva psicogenética para a compreensão das formas iniciais de comunicação que já estão presentes antes da linguagem, uma lacuna nas formulações da semiótica da mediação semiótica no ser humano. A abordagem às relações entre linguagem e uso convencional, uma trilogia de estudos, como o “mágico número três”.

Referências

- Nöth, W. (1995). *Panorama da semiótica: De Peirce a Saussure*. São Paulo: Ágora.
- Peirce, C. S. (1974). *Escritos coligidos* (Coleção: Escritos de Peirce, Seleção) (A. M. D'Oliveira, Tradução). São Paulo: Abril.
- Rodríguez, C. & Moro, C. (1999). *El mágico número tres: Cuando los niños aún no hablan*. Barcelona: Paidós.
- Santaella, L. (2001). *O que é semiótica*. São Paulo: Ágora.

MESTRADO E DOUTORADO PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

2004

Se você é graduado em Psicologia, tem um bom domínio da língua inglesa e se prepara para ser um pesquisador, professor universitário, ou mesmo um profissional de alta qualificação, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é o local que você precisa. Desfrute de um ambiente acadêmico estimulante, onde alunos e professores trabalham diariamente, com dedicação integral ao estudo e à pesquisa. Escreva-nos para maiores informações.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÃO

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Psicologia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Secretaria do PPG em Psicologia do Desenvolvimento - UFRGS